Daymon e a paternidade

Fotos: Arquivo pessoal



Daymon e a filha, Xandú: a realização do sonho da paternidade e da família

Muitas crianças e jovens, quando sofrem com a violência e o abandono por parte dos pais, ou de um deles, costumam ter um sentimento de dicotomia sobre família quando chegam à vida adulta. Ao mesmo tempo em que desejam ter os próprios filhos e fazer tudo diferente, há o medo de não conseguir escapar dos padrões tóxicos e repetir comportamentos dos próprios pais.

Vivendo com essa dúvida, quando refletia sobre ter ou não filhos, o estudante e gerente Daymon Luiz Cruz Gomes, 23, foi pego de surpresa quando se descobriu gestante. "Ser pai era um sonho, sempre foi, mas tinha aquele medo de não conseguir ser o que gostaria para minha família, então eu ainda não planejava nada", conta.

Apesar do medo, inclusive pelo fato de ele e a mãe da bebê, uma mulher trans, não estarem mais juntos, Daymon revela que seu "pedacinho de gente", a recém-nascida Xandú Nayá Cruz Gomes, é a realização de seu maior sonho, o motivo que o faz acordar de manhã. Embora não estejam mais em um relacionamento romântico, os dois pretendem criar Xandú cercada de todo o amor e suporte familiar.

Ela nasceu em 11 de janeiro, e Daymon conta que, apesar de toda a felicidade, passou por momentos complicados sendo um homem trans gestante. No início, a ansiedade antes das consultas era grande e ele chegou a perder alguns exames por receio de sofrer transfobia.

Ele começou a procurar uma estratégia que o fizesse se sentir mais confortável e dentro do posto de saúde onde fez o pré-natal, percebeu que o diálogo seria sua melhor opção. Considerando as pessoas que não o trataram de uma maneira ideal por falta de conhecimento e costume, não por puro preconceito e intolerância, ele escolheu ter mais paciência.

"É muito pessoal, mas eu decidi ensinar como eu queria ser tratado. Pensei também no próximo homem trans que chegasse ali buscando atendimento, os profissionais estariam melhor preparados para ele", comenta.

"Depois da transição, comecei a me amar"

Com uma infância turbulenta em diversos aspectos, Daymon era um jovem tímido e que demorou um pouco para se concentrar em si mesmo e enfim entender e aceitar quem ele era. Aos 13 anos, ganhou um livro e se encantou com a filosofia. Ali, começou a se dedicar aos estudos e a arte, escrevia poesias, lia bastante e começou a participar de batalhas de rima. Decidiu que seria professor.

Mesmo muito desencorajado pelo meio em que vivia, Daymon passou na Universidade de Brasília (UnB) e começou a cursar filosofia. A transfobia e a solidão o levaram a deixar o curso. "Eu ainda vivia um processo de me entender, me conhecer e aquilo tudo me atingiu demais", lembra.

Trabalhando e estudando por conta própria, ele continuou buscando compreender sua identidade. Daymon conta que viveu dois momentos diferentes no que se refere ao seu reconhecimento como um homem. O primeiro foi ainda bem jovem, quando se via como um menino, mas vivia o conflito de "não poder ser um garoto".

"Eu ainda não entendia o conceito do que é um homem trans, só sentia aquele conflito de achar que eu não podia ser quem eu sentia que era. Só mais velho, tendo contato com pessoas trans nos bares em que trabalhava é que me entendi melhor", lembra.

Daymon demorou a se sentir confortável para se abrir sobre o assunto, mas quando conversou com dois amigos próximos, também homens trans, se sentiu mais seguro. De um deles, o estudante ganhou um binder — tipo de faixa ou colete usado para prender o tecido mamário e dar aparência mais reta e lisa a região peitoral —, que experimentou assim que chegou em casa.

"Superfeliz e empolgado, coloquei o binder, fiquei em frente ao espelho e chorei igual a um bebê. Eu finalmente estava me vendo, me enxergando como eu sou, como eu me sinto. Ali, decidi que estava na hora de ser eu mesmo, sem me esconder", lembra.

No mesmo momento, Daymon saiu do quarto e perguntou se a irmã achava que ele estava "bonitão" e se notava algo diferente. Mostrando o binder, ele disse que estava retinho, a irmã riu e concordou. Daymon chorou mais uma vez com o acolhimento da família. A partir daí, o jovem passou a verbalizar e viver sua identidade.

Esse processo e a transição de Daymon começaram em setembro de 2021. A saúde mental do jovem passou por uma enorme mudança na época. "Percebi que tinha deixado o mundo me fazer desistir de mim e depois da transição eu comecei a me amar e ver uma perspectiva de vida nova".

A gestação foi o empurrãozinho extra que Daymon precisava. Voltou para a faculdade e hoje estuda direito. Seu sonho profissional é ser um agente transformador, no que diz respeito aos direitos das pessoas trans.